

# Associação de Leitura do Brasil — Histórico e Proposta de Ação

EZEQUIEL THEODORO DA SILVA\*

“Uma andorinha só não faz verão” — este ditado popular pode ser colocado como uma verdade quando se discute a questão das transformações sociais concretas. Sem a disseminação de novas idéias, sem a partilha de preocupações, sem a mobilização de muitos, sem a coletivização de propostas, praticamente inexistente a possibilidade de se instaurar novas formas de pensar e de agir. Em sociedades fechadas pelo autoritarismo do Estado, as organizações civis apresentam-se como instrumentos de reação e de luta, capazes de agregar pessoas em torno de objetivos comuns.

Em 1978, realizamos em Campinas o 1º Congresso de Leitura do Brasil, que veio posteriormente a ser conhecido, em termos nacionais, pela sigla “COLE”. Apesar das suas carências financeiras e organizacionais, o 1º COLE conseguiu congregiar cerca de 300 pessoas, primordialmente professores e bibliotecários. O 2º COLE, realizado em 1979, congregou cerca de 500 pessoas, chegando a nos demonstrar que o interesse pela problemática da leitura ganhava bastante vulto no Brasil. Por outro lado, além do número crescente de participantes, víamos também crescer a quantidade de trabalhos (estudos, pesquisas, reflexões, etc...) tematizando diferentes aspectos da leitura. E mais: as discussões, no dois congressos, quase sempre apontavam o total descaço do Estado para com as condições de produção da leitura nas escolas e bibliotecas.

A bancarrota e a implosão do Estado opressor somente podem ser conseguidas através da mobilização e integração das entidades representativas da sociedade civil. Às idéias e interesses do Estado, nascidas

---

\* Professor da Faculdade de Educação (Departamento de Metodologia de Ensino) da UNICAMP.

em gabinetes fechados de tecnoburocratas, deve-se contrapor idéias e interesses democraticamente estabelecidos. A denúncia, a crítica e o conflito, estabelecidos através de mecanismos específicos de luta, são fundamentais à configuração de nossos horizontes sociais e à quebra ou desmoronamento de estruturas ideológicas enrijecidas.

O 2º COLE, depois de avaliado, fez ver aos seus organizadores que era necessário pensar na fundação de uma associação. Era necessário um organismo que desse continuidade aos trabalhos efetuados durante o curto período dos congressos. Os participantes, direta ou indiretamente, patenteavam a raridade de literatura específica para o estudo das questões de leitura, falavam de inexistência de periódicos para veicular as experiências nacionais pertinentes, solicitavam a realização mais freqüente de seminários regionais, pediam a aproximação entre as universidades e as escolas de 1º e 2º graus, etc... etc... A consciência da necessidade de formarmos uma entidade, que congregasse os profissionais do mundo da leitura, ia ganhando corpo gradativamente.

Entende-se que a "crise da leitura", igualmente a tantas outras crises (educacional, econômica, cultural, etc...), é resultado do programa social, produzido pela classe dominante. À classe dirigente, que detém o poder e os privilégios, não interessa a educação do povo, a saúde do povo, a sobrevivência do povo, a leitura do povo; interessa, isto sim, a reprodução da ignorância e do analfabetismo. É próprio das sociedades ditatoriais não dialogar com a sociedade civil através das suas entidades representativas. Porém, não há como evitar a dialética da história, ou seja, as contradições inerentes às sociedades de classe são sempre captadas, gerando o desejo de superação.

Como parte da programação do 3º COLE (Campinas, 1981), planejamos a realização de uma assembléia para discutir a idéia de fundarmos uma associação. A presença a essa assembléia não foi maciça, mas contou com a participação de pessoas extremamente interessadas (cerca de 30), que anteviam o ilimitado campo de trabalho na área da leitura brasileira. Diferentes propostas foram votadas, vencendo aquela de estabelecermos uma entidade genuinamente nacional, que se propusesse a lutar pela democratização da leitura no território brasileiro através do estudo dos diferentes aspectos da leitura, da realização de reuniões científicas mais freqüentes, da veiculação (por diferentes meios e procedimentos) de informações sobre experiências no terreno da leitura. Foi indicada uma comissão provisória para cuidar dos aspectos legais e

funcionais da entidade (elaboração e registro dos estatutos, cadastramento dos associados, levantamento de espaço para funcionar, etc...). Essa comissão tomou para si esse trabalho inicial com muito amor e carinho — no prazo de 6 meses a Associação de Leitura do Brasil (ALB) estava plenamente constituída.

Não basta a simples formação e proliferação de entidades civis — quantas nasceram, se esclerosaram e morreram! A força de uma entidade está na sua *organização* e, decorrente disso, na sua *capacidade de mobilizar consciências*. E “andar sobre suas próprias pernas” é um forte desafio com que se defronta a entidade (imperativo lembrar aqui que a morte de uma entidade democraticamente constituída é, em verdade, uma vitória do Estado ditatorial, pois significa o aniquilamento da possível contestação de um grupo específico). Por outro lado, a organização e a mobilização, para serem levadas à prática, devem ser sustentadas por princípios compartilhados, que expressem os anseios concretos do grupo. Se se fechar em si mesma, a entidade morre. Se não expandir os seus quadros, aglutinando novos anseios, a entidade perece e é paulatinamente esquecida.

Em 1982, a ALB publicou o primeiro número da Revista “Leitura: Teoria e Prática”, através de um trabalho com a Editora Mercado Aberto de Porto Alegre. Em 1983, a ALB realizou em convênio com a Universidade de Passo Fundo, o 1º *Seminário Regional de Leitura e Redação*, congregando cerca de 1000 participantes. Ainda em 1983, a ALB levou a efeito o 4º COLE — Cerca de 400 participantes se deslocaram para o Colégio Culto à Ciência de Campinas para presenciar as sessões previstas. Durante esse período, foram realizadas as eleições para a Diretoria (Biênio 1983-85). Pouco a pouco, através de um trabalho humilde e, ao mesmo tempo, crítico e sério, a ALB ia ganhando projeção nacional.

Hoje podemos afirmar que o contingente de pessoas interessadas pelas questões da leitura vem aumentando significativamente. Ao lado desse aumento, apresenta-se uma considerável produção de obras, pesquisas e artigos, que, sem sombra de dúvida, vêm colaborando para o início e consolidação de uma tradição na área dos estudos sobre a problemática da leitura. As entidades militantes ganharam fisionomia, podendo ser facilmente identificadas em termos de Brasil. A troca de experiências, realizadas através das revistas das entidades, sobrepujou divergências e é cada vez mais constante. Enfim, neste momento

histórico, podemos constatar uma efervescência muito grande em prol do renascimento e desenvolvimento da leitura no território brasileiro.

O leitor deste texto talvez queira saber mais do que foi dito sobre a ALB. Talvez queira colocar em prática o seu espírito associativo, discutindo e debatendo conosco os seus problemas de leitura. Talvez queira, como nós, fortalecer a luta pela democratização da leitura no Brasil. Talvez queira, como outros companheiros, relatar as dificuldades e os resultados de suas práticas. Talvez queira, como a ALB, "brigar" por novas condições de produção da leitura em seu contexto específico de atuação. Se essas sementes estiverem presentes na consciência do leitor, então que nós escreva o mais urgentemente possível.

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL  
A/C DEPTO. DE METODOLOGIA DE ENSINO  
Faculdade de Educação — UNICAMP  
Cidade Universitária "Dr Zéferino Vaz"  
13100 — Campinas, SP.